

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CASA

11 de Abril de 2026

LOST, LOST, LOST / 1976

um filme de JONAS MEKAS

Realização, Argumento, Fotografia (16 mm), *Som, Montagem*: Jonas Mekas *Narração*: Jonas Mekas *Com*: Pieter Beard, Ed Emshwiller, Ken Jacobs, Adolfas Mekas, Jonas Mekas, Tiny Tim, etc.

Produção: Jonas Mekas (EUA, 1976) *Cópia*: Light Cone, 16 mm, preto-e-branco e cor, versão original em inglês legendada electronicamente em português, 178 minutos *Título alternativo*: *Diaries, Notes & Sketches: Lost, Lost, Lost* *Estreia*: 14 de Setembro de 1976, em Nova Iorque *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca*: 15 de Fevereiro de 2024 (“50 Anos de Abril: Que Farei Eu com Esta Espada? | Comunidade”).

Nota: a banda sonora tem, por vezes, oscilações de volume; as indicações de passagens de bobines fazem parte do filme, cuja projecção em 16 mm integra uns instantes de pontas a negro em alguns desses passos.

Diaries, notes & sketches. Cada uma das seis bobines 16 mm de *Lost, Lost, Lost* indica-o a cada princípio e fim de rolo, outro dos elementos da cadência do diário filmado com o qual o lituano Jonas Mekas (1922-2019) documenta os anos 1949-1963. É um ponto de partida em esclarecimento, deste como doutro filme de Mekas, a saber *Walden* – ou *Diaries, Notes & Sketches: Walden* (1964-69). A nota impõe-se, tal e qual surge na “folha” desse filme, numa citação de *To Free the Cinema – Jonas Mekas and the Underground* (coord. David E. James, Princeton University Press, 1992): “*Walden* foi originalmente intitulado *Diaries, Notes and Sketches, also known as Walden*. A intenção de Mekas era que os trechos posteriores dos ‘diários, notas e esboços’ tivessem subtítulos semelhantes. Por exemplo, *Lost, Lost, Lost* devia ter sido intitulado *Diaries, notes & sketches: Lost, Lost, Lost* e assim por diante. A confusão que isto gerava, sobretudo nos laboratórios, levou-o a abandonar a designação genérica e agora todos os filmes posteriores a (ao que é conhecido como) *Walden* têm apenas o título específico. No entanto, *Diaries, Notes and Sketches* é frequentemente utilizado para designar o conjunto do projecto.”

E portanto *Lost, Lost, Lost*. Ao contrário das 6x2 vezes em que, com a marcação das pontas de bobine regressa a dos *D,N&S*, o título não se encontra, sendo preciso esperar pelo minuto 178: “*End of reel 6 / copyright Jonas Mekas 1975 / Diaries, notes & sketches*”, cala-se o *off* de Jonas Mekas, que falava de memórias, lugares conhecidos, algures sobre imagens de praia, mar, largueza, horizonte; ouve-se um curto troço musical e a voz da cantora a chorar um “*paradise lost.*” *Lost, lost, lost*. As seis bobines, a preto-e-branco e a cores, organizam material filmado ao longo de catorze anos com a câmara Bolex comprada à chegada a Nova Iorque em 1949. É uma chegada, um embate, um percurso que assume a forma literal de um itinerário na cidade, com os cartões-separadores a localizarem a acção-progressão da acção, a partir do “*On 23rd St Pier DP’S [displaced persons] Arrive in America*”, do bairro de Williamsburg em Brooklyn a Manhattan, e aí rua a rua. A sucessão de ruas e outras redondezas nova-iorquinas indicam moradas, poisos, encontros na crónica de desapego e pertença em que se verte a chegada aos EUA e a vida de exílio que Jonas aí levou, ao lado do irmão Adolfas (antes de este ter integrado as fileiras do exército americano na guerra da Coreia), integrando-se na comunidade artística da baixa de Nova Iorque das décadas de 1950 e 60. A de Marie Menken, Andy Warhol, Nico, Allen Ginsberg, John Lennon e Yoko Ono, Salvador Dalí ou George Maciunas ou Lionel Rogosin. Há traços no filme, da “*Film culture is rolling on Lafayette Street*”. Foi o lapso de tempo da criação da *Film Culture* (1954, com Adolfas), do início da coluna *Movie Journal* no *The Village Voice* (1958), da fundação da *The Film-Makers’ Cooperative* (1962) e da

Filmmaker's Cinematheque (1964) que esteve na origem do Anthology Film Archives, só para começar. Nos anos da gestação do seu próprio cinema, com *Guns of the Trees* (1961) e a germinação diarística ímpar de *Walden, Reminiscences of a Journey to Lithuania* e *Lost, Lost, Lost*.

A grandiosidade de *Lost, Lost, Lost*, uma grandiosidade sem estridência tecida em palavras e fragmentos, foi notada in loco e tem sido alimento de análises apaixonadas. Num texto conhecido, Alan Williams (*Film Quarterly*, 1976) sugere a associação do trabalho de Mekas e dos *Ensaio*s de Montaigne, ligando-o a toda uma tradição diarística literária por ele desbravada no cinema. Nota ainda o lado extraordinário da relação intensamente pessoal entre o contador e o conto: “Uma parte central da vida de Mekas é de estilo cinematográfico, no entanto... o material sombrio, quase neo-realista do início [de *Lost, Lost, Lost*] vai-se eclipsando pelo movimento mais rápido, pelos ângulos e distância mais limite e finalmente pelo enquadramento. Mekas e a câmara são um, e a *caméras*tylo dos críticos franceses empalidece comparada à união Jonas Mekas-Bolex como dispositivo de registo, como uma ‘caneta’”. Num outro passo muito citado, Antonin J. Liehm pôs a hipótese de que *Lost, Lost, Lost* marcasse o “início de um novo género. Na linha de Gide, Sartre, Malraux. Mas no cinema”.

Jonas Mekas um deslocado do século XX que o século XXI bem elogiou como o poeta-cineasta que apadrinhou o cinema de vanguarda, inventou a forma diarística filmada retratando, no mesmo gesto, a cena da vanguarda cinematográfica dos anos 1960. Cronologicamente, o olhar retrospectivo de *Lost, Lost, Lost* retoma *Walden* e *Reminiscences*. Foi ele a aferir mais tarde, “Lido, nestas seis bobines, com um período de desespero, de tentativas desesperadas para lançar raízes em terra nova, de construir novas memórias. Nestas dolorosas seis bobines tentei sinalizar qual é a sensação de alguém no exílio, tal como a senti nesses anos. Descrevem o estado de espírito de uma Pessoa Deslocada que ainda não esqueceu o seu país de origem, mas que ainda não conquistou um novo país. A sexta bobine é uma bobine de transição em que começamos a ver alguma descontração, em que eu comecei a vislumbrar momentos de felicidade. A nova vida começa...” Do estado de passagem impresso na sexta bobine, na beira-mar de uma praia de seixos participa o encontro de material filmado por Ken Jacobs e Mekas, identificado assim mesmo. A melancolia da voz *off* de Mekas, assumindo de início a condição de refugiado político, não larga a narração, indissolúvel da sua qualidade poética, e avança com a crónica dos anos e a metamorfose – palavra dele numa entrevista de 2003 – pessoal do projecto acompanhando uma nova relação com o cinema, novas possibilidades de exprimir sentimentos e filmar a vida:

“Atravessávamos a experiência específica do exílio, e percebemos simplesmente que a vida é muito mais rápida que o pensamento. O passado devia surgir de maneira diferente. E foi nesta época que descobrimos John Cage, Brakhage e outros tipos de sensibilidades trabalhando à volta da teoria da arte do acaso. A teoria zen também foi muito importante para mim. Descobri nos haikus uma concentração específica sobre o presente tal e qual o vivemos verdadeiramente. Percebi a conexão singular que é possível descobrir estando plenamente aqui e agora. A minha maneira de filmar vem daí [...]” Da vibração da vida, da sua sensibilidade, da sua matéria. Que comove e se move.

Maria João Madeira